

ÁGUAS, CONFLUÊNCIAS, BEIRAS E VIDAS: DOIS OLHARES ENTRE OS MARAJÓS E BELÉM.

Sabrina Campos¹

Daniel Miranda²

“Beira mar, beira mar novo
Fui só eu é que cantei:
Ó beira mar [...]
Adeus, adeus, [...]
Eu já vou m’embora,
Eu morava no fundo d’água
E não sei quando voltarei;
Eu sou canoeiro.
Eu não moro mais aqui, [...]
Vou descendo rio abaixo
Numa canoa [...]
Rio abaixo, rio acima,
Tudo isso já andei [...]
Procurando amor de longe,
Que de perto já deixei,
Ó beira [...], adeus, [...]
Adeus, adeus.³

¹ Bacharel em Turismo (UFPA), Gestão Empresarial (UNAMA) e Ciências Sociais (UNAMA), especialista em Planejamento e Marketing Turístico (UNAMA) e em Arqueologia (UFPA). Atualmente é mestranda em Antropologia com ênfase em Arqueologia UFPA/2017. Suas áreas de interesse são: Turismo, Patrimônio, Arqueologia e Antropologia Urbana.

² Graduado em História (UNAMA), Pós-graduando em Gestão de Territórios de Uso Comum na Amazônia (UFPA). Mestrando em Antropologia com ênfase em Antropologia Social UFPA/2017. Suas áreas de interesse são:

³ Tradição Oral. Intérprete: Ânima. Beira mar: (Riacho de areia). In **Espiral do tempo**. Rio de Janeiro: Sony Music Entertainment, 1997. 01 CD.

Águas turvas e claras, calmas e intempéries espriadas pelos interstícios do público e do privado amazônico, costurando a vida humana à paisagem de águas em movimento. Águas... a fazer passar/chegar/ancorar memórias e histórias...a encher a paisagem de experiências e afetos... a trazer em um súbito instante de reponta uma vazante para as agruras e os dissabores diários... afogando-os e revolvendo-os... dando condições para a manutenção fluída da vida estuarina à beira d'água.

Por essas e outras relações estabelecidas com as águas é que mulheres e homens sugerem um entrelace com as forças da natureza amazônica e (re)criam ao sabor das marés as lógicas e os saberes que os mantêm vivos, tornando-se elaboradores de realidades capazes de inundar os sentidos de quem assume a condição de antropólogo, numa busca por observar, interagir, entreviver e ser afetado pela vida dos outros.

O presente ensaio surge assim do encontro dos olhares de dois pesquisadores em campos distintos, que apesar das distâncias existentes entre seus lugares de atuação conseguem notar confluências, (des)continuidades entre as relações, as paisagens e os modos de existir formulados por diferentes protagonistas no tempo das águas e sensibilidades belenenses e marajoaras.

Creemos então que as lentes das câmeras aqui tornaram-se vetores para a dupla captura dos ricos traços da experiência anfíbia que **move, emoldura, acessa, desembarca** e se **estabelece** com a paisagem amazônica, como será visto a a seguir.























